

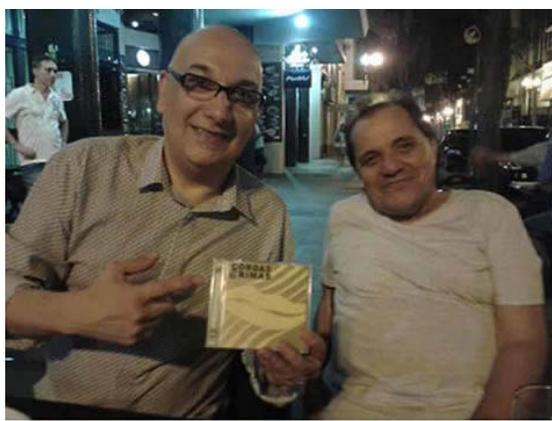


Cattulo e Brenda fizeram o show de Volta às Aulas para os professores da Escola General Osório e, com o Cordas&Rimas foram o espetáculo de encerramento do Projeto Verão Divertido do Balneário Pinhal.

II Salina da Canção do Balneário Pinhal



A II Salina da Canção do Balneário Pinhal apresentou as doze concorrentes, dias 27 e 28 de fevereiro, no Parque do Túnel Verde. O festival é dividido em três linhas: Tema Balneário Pinhal - Canto de Mel e Sai Letra de Thiago Suman, Guilherme Suman e Rodrigo Monteiro de Porto Alegre e Pelotas; Na Paisagem do Pinhal de Erlon Péricles de Porto Alegre. O Tema Litorâneo teve Felício da Lua de Anderson Rolin e Jociel Lima, representando Cidreira RS e Florianópolis/SC com Flávio Jr; Fraco das Ideias de Tulio Souza e Piero Ereno de Uruguaiana e Santa Maria; Flor Negra de Thiago Suman, Guilherme Suman e Germano Reis de Porto Alegre; Tambores de Ivan Therra de Cidreira; Tambores do Litoral de Mario Amaral e Carlos Catuipe com Catuipe Júnior representando Capão da Canoa. Já, no Tema Campeiro concorreram - As Águas do Rio Angá de Gujo Teixeira e Cristiano Quevedo representando Lavras do Sul e Piratini; A Toa de João Stimamílio Santos e André Gonçalves de Porto Alegre com Jader Leal e Leonardo Medeiros; Completeção com Flávio Hanssen e No Campo das Mão com letras de Rodrigo Duarte e músicas de Mateus Neves da Fontoura das cidades de Cachoeira do Sul e Porto Alegre; Viva o Litoral Gaúcho de Nenito Sarturi da cidade de Santiago. O festival Salina já nasceu grande, tanto pela qualidade de suas músicas como pela ótima organização e participação de público e classe artística. Esta foi a sua segunda edição com o CD já gravado e disponível para o público no momento do evento. A Prefeitura do Balneário Pinhal criou um evento para se destacar com breves como um dos principais do estado no gênero. O resultado foi o seguinte: Primeiro Lugar e Melhor Arranjo foi para Fraco das Ideias com interpretação de Jean Kirchoff, Piero Ereno, Arison e Emerson Martins; Segundo Lugar e Melhor Tema ampeiro Completeude; Terceiro Lugar e Melhor Tema Litorâneo, Tambores do Litoral; Melhor Intérprete foi Flávio Hanssen; o Melhor Instrumentista foi Otoni de Leon tocando contrabaixo; e o Melhor Tema Pinhal foi Na Paisagem do Pinhal Com Erlon Péricles e Cristiano Quevedo.



nº 014/2015 - 25.02

Sessenta

Ano XIII nº 1232

Projeto Verão Divertido do Balneário Pinhal encerra com show do Cordas&Rimas

Depois muitas promoções e shows como os de Elton Saldanha, Luiz Marenco, Produto Nacional, Wilson Paim, Danadões e Chimarruts, o Projeto Verão Divertido do Balneário Pinhal está encerrando neste final de semana com o show do Grupo Cordas&Rimas na Praia de Magistério.

Neste sábado, dia 28, a partir das 23h, no palco central, Cattulo de Campos (violão e voz) e a cantora Brenda Netto acompanhados por Patrick Hertzog no teclado, Tóhago Camini na guitarra, Tóhago Camini na bateria e Vinicius Lessa no contrabaixo, mostram um repertório com obras do CD, que será lançado em breve, e clássicos do pop rock e MPB: O que é Música? do Cattulo, Cristian Sperandir e Rodrigo Prates, Pose e Terra de gigantes de Humberto

Gessinger, Paz e Novidade de Zê Caradipia, Capaz de Kleiton e Kledir Ramil, Morena Praieira de Anddré Sallazar e ainda À Volta e Filho de boto de Ivan Terra e dos irmãos pinhalenses Daniel Maiba e Marcelo Maresia, Azul da cor do mar de Tim Maia, Ovelha Negra de Rita Lee e Luis Sérgio Carlini, Ando meio desligado de Rita Lee, Sérgio Dias e Arnaldo Baptista e Romaria de Renato Teixeira que será uma das canções interpretadas pela cantora convidada Sofia Raupp.

O Projeto Verão Divertido da Secretaria de Turismo e Lazer do Balneário Pinhal - que tem como titular Mari Luce Padilha dos Santos - encerra deixando um saldo positivo junto à população e aos turistas que já esperam a sua reedição no próximo veraneio.



DALEGAARD

nº 013/2015 - 15.02

Sessenta

Ano XIII nº 1231

TAVITO

Tavito - Violão, violão 12 cordas, voz
 Nando Lee - guitarra, voz
 Abílio Lincoln - Teclados, voz
 Paulinho Faria - Baixo
 Fernando Faustino - Bateria, percussões

SESC Belenzinho (TEATRO)

R\$ 7,50 Trabalhador no comércio de bens, serviços e turismo, matriculados no SESC e dependentes.
 R\$ 12,50 Estudantes, servidores da Escola Pública, + 60 anos, aposentados e portadores de deficiência.
 R\$ 25,00 Inteira.

22/2/2015
DOM
 18 h

Venda online a partir de: 10/02/2015 - 15:30
 Venda nas unidades a partir de: 11/02/2015 - 17:30

Rua Padre Adelino, 1.000
 CEP 03303-000 | Belém TEL: (11) 2076-9700
 email: belenzinho@sesc.org.br
 sescsp.org.br/belenzinho | sesc/belenzinho

sesc

Show
Kleitton & Kledir
 e Banda

27 e 28 de Fevereiro - 21h
 1 de Março - 18h

SESC Belenzinho - São Paulo
 Rua Padre Adelino 1000 - Belenzinho | Fone: (11) 2076-9700



O carnaval através dos tempos
 Em 1997, escrevi a letra do Samba Enredo para a Escola União da Vila. Nela, está registrada a história do carnaval. Meu parceiro foi Carlos Catuipe, que musicou brilhantemente os meus versos:

Carnaval, A festa que atravessa os séculos
 Paulo de Campos e Carlos Catuipe

Alô você, "olha nós aqui de novo"
 Balança povo, que a União da Vila vem aí!
 Nem se sabe como tudo começou
 Se com os camponeses enfeitados
 Festejando aos deuses, a colheita
 Se com egípcios, por Isis, encantados
 Veio quase junto com as caravelas
 O "entrudo" do barulho e confusão
 Batalha de farinha, água e ovo
 Proibido, começou tudo de novo
 Mais brando em suas batalhas
 Água, flor, limão de cheiro
 Não poupava nem o mais ligeiro
 Até Pedro II teve as vestes encharcadas
 Ontem, anarquista, mas contagiante
 Festa da "cultura inferior"
 Hoje, o sambista o trás na alma
 O povo vibra, é cultura popular
 "oi, abre alas pra Chiquinha, Carmem e Jamelão
 Pois, se é pecado sambar, a Deus peço perdão"
 "e viva Zé Pereira que a ninguém faz mal
 E viva a bebedeira nos dias de carnaval"
 No primeiro "corso oficial"

No século IV, com o advento do cristianismo, a Igreja tentou combater várias tradições pagãs, mas com o tempo foi forçada a consentir com essas práticas e, em 590, o Papa Gregório I, oficializou o carnaval no calendário eclesástico. Em 1545, durante o Concílio de Trento, o carnaval passou a ser reconhecido como uma festa popular. Embora não haja certeza quanto à origem da palavra "carnaval", sabe-se que surgiu entre os séculos XI e XII, e deriva do latim carnelevamen (tirar a carne), depois modificada para carne vale (adeus carne). Está ligada à tradição cristã, de não comer carne no período que precede a Quaresma (Paixão de Cristo). Nesse período todos os cristãos deveriam abster-se de carne por quarenta dias, da quarta-feira de cinza até as vésperas da páscoa. Jejuar e fazer penitências. Portanto, o carnaval significava a possibilidade de fugir desses rigores, festejando em liberdade.

Carnaval no Mundo
 O carnaval é festejado em várias partes do mundo, em datas que variam de acordo com as tradições nacionais e locais, e sofreu mudanças ao longo do tempo. Na Europa, os mais famosos são: o carnaval da Itália, comemorado com bailes e desfiles de máscaras nas ruas, sendo o mais tradicional o carnaval de Veneza. Na Inglaterra o Carnaval de Notting Hill é a maior festa de rua da Europa e disputa o posto de segundo Carnaval do mundo. Na América, temos o maior Carnaval do Caribe, em Port of Spain, Trinidad e Tobago que é uma mistura da festa tradicional dos colonizadores franceses com a cultura dos escravos africanos. Ritmos caribenhos, como o calipso, predominam. E o carnaval de Nova Orleans, EUA, festeja-se o carnaval principalmente de 6 de janeiro à terça-feira gorda (mardi gras em francês, idioma dos primeiros colonizadores de Nova Orleans, na Louisiana), com seus carros alegóricos e mulheres com seios expostos, é considerado o segundo maior Carnaval do mundo.

Carnaval no Brasil
 O carnaval brasileiro tem sua origem no entrudo português, que chegou ao Brasil no século XVII e se espalhou pelo país. O entrudo acontecia num período anterior à quaresma: uma brincadeira grosseira que consistia em lançar, água, farinha, pó de cal (que podia até cegar as pessoas atingidas), limões-de-cheiro (feitos ambos de cera), vinagre, vinho e outros líquidos sobre os outros foliões. No Brasil, o primeiro carnaval surgiu em 1641, no Rio de Janeiro promovido pelo governador Salvador Correia de Sá e Benevides em homenagem ao rei Dom João IV, restaurador do trono português. Com o tempo o carnaval brasileiro, foi incorporando elementos dos carnavais que aconteciam na Europa, personagens como a colombine, o pierrô e o Rei Momo e os bailes de máscaras. Em 1846, no Rio de Janeiro; surge a figura do Zé-Pereira, um sapateiro português, chamado José Nogueira de Azevedo Paredes, que introduziu o hábito de animar a folia ao som de zabumbas e tambores, em passeatas pelas ruas, como se fazia em sua terra. Mais tarde foram introduzidos o pandeiro, o tamborim, o reco-reco, a cuica, o triângulo e as frigideiras. No final do século XIX, surgem os primeiros blocos carnavalescos, cordões e

Momo, banda e patrulha de cavalaria
 Surgem os bailes de salão
 Valsas, polcas, xotis e quadrilhas
 Atrevido, o mulato "Maxixe"
 Aos requebros e umbigadas, já se viu?
 Misturou a polca e o lundu
 E criou uma batida bem Brasil

Origem do carnaval

A origem do carnaval é desconhecida. Há os que atribuem a origem aos cultos agrários realizados pelos povos primitivos há dez mil anos antes de Cristo. Quando esses povos celebravam as boas colheitas. Outros atribuem às festas em homenagem à deusa Ísis e ao Boi Apis, no Egito antigo, ou ainda na Grécia e Roma antigas. Na Grécia, o Carnaval foi oficializado, no século VII a.C., nas festas de culto a Dionísio, deus do vinho e dos prazeres da carne, em agradecimento aos deuses pela fertilidade do solo e pela produção. Essas festas incluíam orgias sexuais e bebidas. Na Roma antiga, as festas eram em honra ao deus Saturno (as sartunálias), deus da agricultura e ao deus Baco (bacanais ou dionisíacas), chamado de Dionísio pelos gregos.

os corsos, que tornaram populares no começo do século XX. Nos corsos, os foliões fantasiados, desfilavam pelas ruas das cidades em seus carros decorados, promoviam batalhas de confete e serpentina e lança-perfumes, e as mulheres dançavam sobre os automóveis conversíveis da época. Os corsos deram origem aos carros alegóricos. No século XX, o carnaval foi ganhando importância e se tornando mais animado com as marchinhas de carnaval. A primeira música composta especialmente para o carnaval foi a marcha rancho O Abre Alas de Chiquinha Gonzaga em 1899. As escolas de samba nasceram das rodas de samba das camadas pobres do Rio de Janeiro, formados em sua maioria por negros entre as décadas de 1920 e 1930. A primeira escola de samba surgiu no Rio de Janeiro e chamava-se Deixa Falar. Foi criada em 1928, pelo sambista carioca Ismael Silva. Anos mais tarde a Deixa Falar transformou-se na escola de samba Estácio de Sá. Novas escolas de samba surgiram no Rio de Janeiro e em São Paulo. Organizadas em Ligas de Escolas de Samba, começam os primeiros campeonatos para escolher as melhores. Em 1932, o jornal Mundo Esportivo, promoveu o primeiro concurso de escolas de samba, que desfilaram na famosa Praça Onze. A partir da década de 1960 os desfiles das escolas de samba tornaram-se o centro das atenções do carnaval brasileiro, o samba e a marcha, foram trocados pelo samba-enredo. O carnaval pernambucano, especialmente em Olinda e Recife, é um dos mais animados carnavais de rua do país. Ao som do frevo, do maracatu, as agremiações de caboclinhos, e os clubes de frevo arrastam multidões. Os desfiles de bonecos gigantes, em Recife, são uma das principais atrações assim como o bloco carnavalesco Galo da Madrugada. Em Salvador. Ao som do trio elétrico com cantores famosos, surgidos na década de 1970, arrastam multidões de foliões. Destacam-se também os blocos afros como o Olodum e o Ileyaê, além dos blocos de rua e do Afoxé Filhos de Gandhi. Na Bahia, é comemorado também na quinta-feira da terceira semana da Quaresma, mudando de nome para Micareta. Esta festa deu origem a várias outras em estados do Nordeste, o chamado "carnaval fora de época" como o Fortal, em Fortaleza; o Carnatal em Natal; a Micarua em João Pessoa; o Recifolia, em Recife; o Micaru, em Caruaru e outros mais. Comemorado de diversas maneiras em todo o Brasil, o carnaval representa importante atração turística. (Fonte Historiamais)

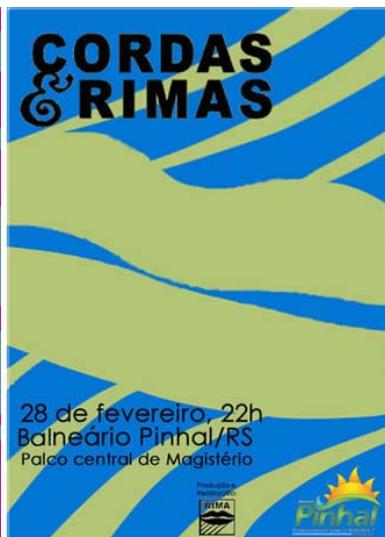


nº 012/2015 - 12.02

Sacantos

Ano XIII nº 1230

A sugestão é de **Márcio Gobatto**: "Pra quem vai passar o carnaval no litoral gaúcho, a grande pedida é o Boteco do Polaco! Sidney Magal, Blitz e Mamonas Assassinas deve ser o repertório do Videokê!". o Boteco do Polaco fica na Av. B, 385 – Remanso - Praia da Marina em Xangri-Lá. O telefone para reservas é 51 8302-0742.



nº 011/2015 - 10.02

Sacantos

Ano XIII nº 1229



CULTURA

PAULO DE CAMPOS

paulodecampos@rima.art.br

A arquitetura histórica de Osório

Por desinformação ou desleixo a arquitetura açoriana e também de outros estilos já está quase toda desaparecida. Restam ainda algumas construções antigas que devem ser preservadas:

Fernandes Bastos e a biblioteca osoriense

(Artigo do Almanaque Gaúcho publicado em ZHblogs de Zero hora em 31 de agosto de 2012 por Ricardo Chaves e Luis Bisio com colaboração de Rodrigo Trespach)

O prédio açoriano onde atualmente se encontra a Biblioteca Pública Municipal de Osório—cujo nome homenageia o advogado, político e intelectual Manoel Estevão Fernandes Bastos—foi construído no final do século 19 e serviu como sede do Grupo Escolar Conceição do Arroio, do Colégio Elementare, depois da década de 1930, da Prefeitura Municipal e da Câmara de Vereadores da cidade. Os cerca de mil livros da Sociedade Amor à Arte, organizada em 1887, compunham a primeira Biblioteca não particular do município. Somente em 15 de março de 1943, o prefeito Juvenal José Pinto cria por decreto a primeira biblioteca pública municipal, que em 5 de julho do mesmo ano passa a denominar-se Fernandes Bastos. Até 1952, ela permaneceu no andar superior do prédio da então prefeitura, passando posteriormente por vários

locais até ser instalada em definitivo novamente no prédio que fora prefeitura. Hoje, no mesmo local, junto à biblioteca, funcionam ainda o Museu Antropológico Leonel Mantovani e o Arquivo Público Municipal Antônio Stenzel Filho. A biblioteca, o arquivo e o museu passaram por reformas. Fernandes Bastos foi intendente municipal em Osório, então Conceição do Arroio, em três oportunidades: 1912-1915, 1920-1924 e 1928-1934. Porto-alegrense, nascido em 3 de agosto de 1895, ficou órfão ainda menino. Iniciou sua formação educacional

no Seminário Menor de Pareci, em Montenegro, que deixou na adolescência. Intelectual, era fluente em alemão e francês e tinha aptidão para as artes cênicas, além de tocar Piano e violino. Antes de chegar a Osório, passou por Santo Antônio da Patrulha, Passinhos e Tramandai. Foi autor do livro Noite de Reis (1935) e, na condição de Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, escreveu inúmeros artigos sobre a história do Litoral Norte gaúcho. Faleceu em sua cidade natal, em 22 de setembro de 1938.



Sobrado histórico

(Artigo do Almanaque Gaúcho publicado em ZHblogs de Zero hora em 31 de julho de 2012 por Ricardo Chaves e Luis Bisio com colaboração de Rodrigo Trespach)

O mais antigo prédio de Osório, o Sobrado dos Bastos, foi construído antes da emancipação do município, em 1857. Localizado no centro da cidade, na lateral da Praça da Catedral, seu primeiro proprietário foi o comerciante Francisco Correia de Andrade, conhecido como Chico Minguta. A casa comercial de Minguta, invadida por maragatos durante a Revolução Federalista, foi reformada e transformada em residência familiar, em 1908, por Manoel Estevão Fernandes Bastos. A história do sobrado se mistura com a própria história político-administrativa da cidade, já que nela viveram dois intendentes municipais e pessoas ligadas à política regional. O filho de Chico Minguta, José Correia de Andrade, foi intendente da então Conceição do Arroio entre 1896 e 1900. Uma filha de José, Ana Brígida, casou com Manoel Estevão Fernandes Bastos, outro intendente da cidade. Bastos, que foi intendente em três oportunidades (entre 1912 e 1934), era também escritor, autor da mais importante obra da literatura litorânea gaúcha, Noite de Reis, publicada em 1935 e reeditada em 2007. Um dos filhos de Fernandes Bastos, Osvaldo Bastos, eleito deputado pela UDN em 1946, morto em naufrágio na Lagoa da Pinguela, em 1947, era casado com Cecy Grindler, filha de outro intendente arrolense, José Augusto Grindler. O sobrado, atualmente desabitado, pertence a Osvaldo Bastos Filho.



Casarão dos Famer

(Artigo do Almanaque Gaúcho publicado em ZHblogs de Zero hora em 10 de fevereiro de 2015 por Ricardo Chaves e Lucas Vidal com colaboração de Rodrigo Trespach)

Construído em 1883, um dos mais antigos prédios da cidade de Osório em estilo colonial italiano, o Casarão dos Famer foi modificado ao longo dos anos. Depois dos prédios da biblioteca, do Hotel Amaral e do Sobrado dos Bastos, o casarão é um dos mais importantes do município. O imigrante italiano Giuseppe Famer, de Verdelio, na província de Bergamo, comprou a casa em 1920. Com a família, chegou de Gênova ao Rio Grande do Sul em 1892. Antes de se instalar em Osório, os Famer se estabeleceram em Vila Nova, em Santo Antônio da Patrulha, e depois na localidade de Bocó, no Morro da Borússia. Compraram uma propriedade,

construíram um moinho e cultivaram café, erva-mate, milho, feijão, parreiras e cana-de-açúcar. Em 7 de abril de 1920, Giuseppe adquiriu de Pedro Anflor uma propriedade de 6.700m² em Osório, na Rua Sepúlveda (atual Rua João Samento, 205), onde já existia uma casa—hoje conhecida como Casarão dos Famer. Foi nesse local que Giuseppe e o filho Augusto montaram residência e comércio, a Augusto Famer&Irmãos, que vendia parte da produção das propriedades do interior do município. Augusto casou-se com Nevedêmia Goldani, e eles tocaram os negócios depois que Giuseppe morreu. O casal, no entanto, morreu cedo, o

filho Hermínio ainda era menor de idade. Irmão de Augusto, José Famer Filho passou então a ser o tutor do sobrinho. Ele casou-se com Sunta Goldani e teve nove filhos naturais e três adotivos. Foi seu filho mais velho, André Famer, quem assumiu os negócios da família. Em meados dos anos 1970, o comércio fechou as portas, embora o prédio continuasse servindo de residência da família. André morreu em 2001, e a casa é hoje propriedade das filhas. Patrimônio histórico de Osório, a antiga construção é objeto de estudos das estudantes de Arquitetura Mariana Pelissoli e Graziela Agliardi, da Unisinos. Ou seja, a história tem lá sua importância.



05mar: PORTO ALEGRE-RS
07mar: RIO DE JANEIRO-RS
13mar: CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM-ES
14mar: VITÓRIA-ES
18mar: PELOTAS-RS
10abr: JUIZ DE FORA-MG
11abr: CAMPINAS-SP
20abr: DIVINÓPOLIS-MG

humberto gessinger
insular
2015
Humberto UR

A MÚSICA QUE VEM DO FRIO

A paisagem e o clima de uma terra têm influência sobre a sua música? No primeiro episódio da série "A linha fria do horizonte", estreia do Canal Brasil, chegamos à conclusão que sim. O cantor e compositor gaúcho Vitor Ramil conta que o povo do Sul tem orgulho das baixas temperaturas, o que afetaria a linguagem dos artistas locais, na opinião dele. "A estética do frio abre muitas portas conceituais: questões de identidade, da música, do comportamento. Quanto tu vincula (*sic*) frio com arte, dá um certo frisson", destaca o irmão de Kleiton



Baixa temperatura. Ramil fala das milongas, que refletem o clima gaúcho

e Kledir. A série segue essa linha. Leva o público num passeio pela região do Rio da Prata, que passa por Brasil, Argentina e Uruguai. Em cinco episódios, sempre exibidos às sextas, o diretor Luciano Coelho mostra canceiros locais refletindo sobre seu trabalho e a relação dele com o entorno. O projeto de Coelho não vem de hoje. Foi derivado de um longa-metragem homônimo. Na TV, veremos ainda o já

habitué do Brasil, o uruguaio Jorge Drexler e seus compatriotas Juan Schelleberg, Ana Prado, Dany López e Fernando Cabrera, os argentinos Pablo Grinot, Martín Graziano e Tomi Lebrero; e os brasileiros Richard Serraria, Arthur de Faria e Régis Bardi.

Infoglobo - A MÚSICA QUE VEM DO FRIO - 6 fev 2015 - Page #40

A linha fria do horizonte
Musical
Canal Brasil, 21h



Exposição em homenagem a Leopoldo Rassier

Foi inaugurada, na manhã desta sexta-feira (06), a exposição "Leopoldo Rassier - 15 anos de saudade", com o objetivo de homenagear um dos grandes ícones da música nativista. A cerimônia de abertura aconteceu na Galeria dos Municípios, na Assembleia Legislativa, em Porto Alegre, e contou com a presença de autoridades como o governador do Estado do Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori, o secretário da Cultura, Victor Hugo, o presidente do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF), Vinicius Brum, e o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Edson Brum, além da viúva do artista, Tatiane Rassier.

"O Leopoldo foi um intérprete muito forte da música tradicional do nosso Rio Grande do Sul. Sua voz seguirá ecoando como exemplo para muita gente. Ele está entre os grandes personagens que trabalharam para solidificar a cultura no Estado", afirmou o governador José Ivo Sartori.

Para o titular da SEDAC, Victor Hugo, é uma grande alegria realizar um evento focado na preservação da memória de um artista responsável pela estruturação do imaginário artístico da Cultura do RS. "Rassier é um modelo de cantor no qual me inspiro. Um amigo de todas as horas e uma espécie de padrinho artístico", declarou o secretário.

O presidente do IGTF, Vinicius Brum, também destaca o papel de Leopoldo Rassier na divulgação da música gaúcha e a facilidade com que este conseguiu conciliar a carreira como cantor, advogado e agente político, sendo íntegro em todas elas. "O Jaime Vaz Brasil, em poema que se encontra aqui na exposição, diz que 'Se um dia Deus nos falasse, não sei o que nos diria, mas fecho os olhos e juro: sei qual voz escolheria': a voz de Leopoldo Rassier", concluiu Brum.

A exposição "Leopoldo Rassier - 15 anos de Saudade" pode ser visitada de segunda a sexta-feira (exceto feriados), na Galeria dos Municípios, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, das 8h30min às 18h30min com entrada franca.

XXI Encuentro de Payadores Casablanca 2015
 Homenaje a la Decima y al Verso Imposado

Chile | Colombia | Uruguay | Venezuela | Uruguay | Colombia

Artesanía y Gastronomía tradicional

en Plaza de Armas
 13, 14 y 15 de febrero
ENTRADA LIBERADA

www.municasablanca.cl

EXPOSIÇÃO

DO OUTRO LADO

Carlos Pileghi Costa

A amostra, "Do outro lado" é uma retrospectiva, com obras que o artista já apresentou em exposições na Casa de Cultura Mario Quintana, no Centro Cultural Erico Veríssimo e no Centro Municipal de Cultura Arte e Lazer Lupicínio Rodrigues, três grandes centros de referência de manifestações artísticas em Porto Alegre, e que agora é apresentada ao público de Tramandaí. Com o objetivo de propor um encontro entre a sua arte e a cidade, na qual é conhecido apenas como técnico de voleibol, Carlos Pileghi Costa expõe um conjunto de telas em técnica mista, que revelam seu interesse sobre as circunstâncias da existência humana.

Abertura: 03 de Fevereiro, 20h
 De 04 a 19 de Fevereiro
 Terças a Domingos

Local: Museu Histórico Municipal Profª. Abrilina Hoffmeister

Apoio:



Câmara de Vereadores
 do Município de Tramandaí
 Estado do Rio Grande do Sul



STACCATOS - PAULO DE CAMPOS ©2001-2015 - pc@rima.art.br
www.cantadoresolitoral.com.br - Todos os Direitos Reservados - Rima Edições Literomusicais - rima.art.br - rima@rima.art.br



Você e outras 859 pessoas curtiram isso.

831851
 Desde 23.08.2001



CULTURA

PAULO DE CAMPOS

paulodecampos@rima.art.br

Um grande instrumentista em constante evolução

Conheci Pedrinho Figueiredo no início dos anos 80. Com o aval do diretor, logo o convidei para monitorar aulas de flauta transversa nos cursos de música que a Faculdade de Música Palestrina oferecia. Foi quando, convivendo quase que diariamente por um longo período, nossa amizade foi se solidificando, e com isso, fui absorvendo muitos conhecimentos teóricos e ensinamentos musicais preciosos em nossos “bate-papos” na secretaria e na sala dos professores da faculdade. Pedrinho, ainda hoje diz que está sempre aprendendo com todos os talentosos músicos com quem convive, mas “Quando o talento está associado ao conhecimento, então, é uma experiência única”. Natural do Estado do Rio de Janeiro, Pedrinho adotou a cultura gaúcha e já deixou seu nome na história musical do Estado, participando de importantes movimentos musicais. O artista já recebeu muitos e muitos prêmios como melhor instrumentista em festivais de música do Rio Grande do Sul. Além de flautista, Pedrinho ainda é saxofonista e produtor musical.

A importante formação de um instrumentista

Na família de Pedro Figueiredo não há outros músicos. Seus pais, no entanto, estimularam desde cedo o acesso dos filhos à música, como parte de sua formação. Pedro começou a tocar, entre os cinco e os seis anos de idade, num grupo de percussão no curso de férias da Pró-Arte de Teresópolis/RJ. Sua mãe lhe conta que, antes disso, aos dois anos e meio, perseguiu um desfile pedindo aos músicos um tambor. Aos cinco anos, Pedro Figueiredo iniciou seus estudos de piano, que continuaram até os 14. Aos seis, descobriu a flauta no curso de iniciação musical: “Comecei com a flauta doce e, no ano seguinte, no mesmo curso de férias da Pró-Arte, conheci o mestre João Carrasqueira, que me emprestou uma flauta para que eu estudasse durante aquele ano. Na época, eu não conseguia segurar a flauta transversa montada, então fiquei estudando como produzir os sons só com a cabeça da flauta. No ano seguinte fiz novamente o curso do professor Carrasqueira e ganhei dele minha primeira flauta”. Seus professores de piano foram Jurity e Enilde

Schimdt, e de flauta transversa, João Carrasqueira, em três edições do curso de férias da Pró-Arte, nos quais Pedro Figueiredo também estudou regência e violão erudito.

Apesar de não ter completado, o músico cursou o bacharelado em flauta da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), tendo aulas com Hans Hess e, durante quase um ano, em um curso de extensão, foi aluno de Artur Elias Carneiro, ambos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Para o saxofone, Pedro participou de um curso ministrado por Paulo Moura e fez uma masterclass com Paulo Oliveira, saxofonista gaúcho radicado em São Paulo. Entre os livros que utilizou, Pedro Figueiredo recorda-se de “Études Faciles et Progressives” (Editora Alphonse Leduc), de Marcel Moyse, para flauta. Para os estudos de piano, “O Pianista Virtuoso” (Ed. Irmãos Vitale), de Hanon, e “Estudos para Piano” (Ed. Ricordi), de C. Czerny. Lembra-se, ainda, do método “Patterns for Improvisation” (Jamey Aebersold Jazz, Inc.), de Oliver Nelson, explorado por Paulo Moura em seu curso, do qual foi possível fazer uma nova leitura com acentuações variadas. Para o saxofone, Pedro Figueiredo estudou, também, um material com 88 choros para o treino de transposição à primeira vista no saxofone soprano. Nos estudos de orquestração, o músico usou “Principles of Orchestration” (Ed. Dover Publications), de N. Rimsky-Korsakov, e “The Study of Orchestration” (Ed. Norton), de Samuel Adler. De tudo o que Pedrinho estudou, a conquista mais agradável é ver que aquilo que aprendeu reflete-se diretamente em sua música.

As figuras decisivas em sua formação musical foram João Carrasqueira e Paulo Moura, “que me mostraram a música pelo prazer de tocar e ser músico. Isso foi determinante”. Além deles, Artur Elias trouxe metodologia para seus estudos e uma forma mais profunda de pensar o instrumento. Paulo Dorfmann, com quem Pedro Figueiredo tocou durante muitos anos, incentivou-o a assumir a carreira ligada à música instrumental. E por fim, Renato Borghetti, por intermédio de quem vislumbrou a possibilidade de uma carreira na música instrumental e que lhe



tem proporcionado experiências marcantes em várias partes do mundo, ao longo de vários anos de parceria. “Também tive professores que amam a música e me mostraram caminhos interessantes a seguir.” O autodidatismo também foi importante na formação de Pedro Figueiredo. Além dos cursos de férias, durante o ano todo o músico estudava sozinho flauta e saxofone soprano. Sozinho também, Pedro Figueiredo estudou orquestração e arranjo para formações de pequenos grupos à orquestra sinfônica. Quando sentiu necessidade de expandir as formações dos arranjos que ele mesmo criava, Pedro descobriu o livro “Principles of Orchestration” (Ed.

Dover Publications), de Nikolai Rimsky-Korsakov, e buscou novas sonoridades. “Daí, conversas com o maestro Paulo Dorfman e com o pianista e arranjador Carlos Garofalli foram enriquecendo a minha formação.” Seus estudos formais foram retomados com a volta de seu professor Artur Elias, depois de um longo período na Alemanha. “Achei que seria interessante ver o que ele trazia de novidades. A experiência de voltar a estudar foi muito boa. “Nesta época, mudei muito o jeito de emitir o som e a respiração.” Pedro Figueiredo aprendeu com todos os músicos com quem conviveu, “sem exceção. Muitas vezes, aqueles que têm menos conhecimento têm um

talento inigualável. Quando o talento está associado ao conhecimento, então, é uma experiência única.”

Dos músicos formados nos bares e palcos de festivais aos integrantes das orquestras Sinfônica de Porto Alegre e de Câmara do Teatro São Pedro, passando por Sivuca e Jovino Santos Neto, entre outros, Pedro Figueiredo percebe que tudo o que faz é resultado da convivência que teve com vários estilos de música. É sem dúvida um dos mais competentes instrumentistas da atualidade, mas que faz questão de estar sempre estudando e aprendendo com seus colegas o que lhe permite estar em constante evolução. (fonte: MinC)



CULTURA

PAULO DE CAMPOS

paulodecampos@rima.art.br

A arquitetura histórica de Osório

Por desinformação ou desleixo a arquitetura açoriana e também de outros estilos já está quase toda desaparecida. Restam ainda algumas construções antigas que devem ser preservadas:

Casarão dos Famer

(Artigo do Almanaque Gaúcho publicado em ZHBlogs de Zero hora em 10 de fevereiro de 2015 por Ricardo Chaves e Lucas Vidal com colaboração de Rodrigo Trespach)

Construído em 1883, um dos mais antigos prédios da cidade de Osório em estilo colonial italiano, o Casarão dos Famer foi modificado ao longo dos anos. Depois dos prédios da biblioteca, do Hotel Amaral e do Sobrado dos Bastos, o casarão é um dos mais importantes do município. O imigrante italiano Giuseppe Famer, de Verdello, na província de Bergamo, comprou a casa em 1920. Com a família, chegara de Gênova ao Rio Grande do Sul em 1892. Antes de se instalar em Osório, os Famer se estabeleceram em Vila Nova, em Santo Antônio da Patrulha, e depois na localidade de Bocó, no Morro da Borússia. Compraram uma propriedade,

construíram um moinho e cultivaram café, erva-mate, milho, feijão, parreiras e cana-de-açúcar. Em 7 de abril de 1920, Giuseppe adquiriu de Pedro Anflor uma propriedade de 6.700m² em Osório, na Rua Sepúlveda (atual Rua João Sarmento, 205), onde já existia uma casa – hoje conhecida como Casarão dos Famer. Foi nesse local que Giuseppe e o filho Augusto montaram residência e comércio, a Augusto Famer & Irmãos, que vendia parte da produção das propriedades do interior do município. Augusto casou-se com Nevedêmia Goldani, e eles tocaram os negócios depois que Giuseppe morreu. O casal, no entanto, morreu cedo, o

filho Hermínio ainda era menor de idade. Irmão de Augusto, José Famer Filho passou então a ser o tutor do sobrinho. Ele casou-se com Sunta Goldani e teve nove filhos naturais e três adotivos. Foi seu filho mais velho, André Famer, quem assumiu os negócios da família. Em meados dos anos 1970, o comércio fechou as portas, embora o prédio continuasse servindo de residência da família. André morreu em 2001, e a casa é hoje propriedade das filhas. Patrimônio histórico de Osório, a antiga construção é objeto de estudos das estudantes de Arquitetura Mariana Pelisoli e Graziela Agliardi, da Unisinos. Ou seja, a história tem lá sua importância.



DIVULGAÇÃO



Sobrado histórico

(Artigo do Almanaque Gaúcho publicado em ZHBlogs de Zero hora em 31 de julho de 2012 por Ricardo Chaves e Luis Bissigo com colaboração de Rodrigo Trespach)

O mais antigo prédio de Osório, o Sobrado dos Bastos, foi construído antes da emancipação do município, em 1857. Localizado no centro da cidade, na lateral da Praça da Catedral, seu primeiro proprietário foi o comerciante Francisco Correia de Andrade, conhecido como Chico Minguta. A casa comercial de Minguta, invadida por maragatos durante a Revolução Federalista, foi reformada e transformada em residência familiar, em 1908, por Manoel Estevão Fernandes Bastos. A história do sobrado se mistura com a própria história político-administrativa da cidade, já que nela viveram dois intendentess municipais e pessoas ligadas à política regional. O filho de Chico Minguta, José Correia de Andrade, foi intendente da então Conceição do Arroio entre 1896 e 1900. Uma filha de José, Ana Brígida, casou com Manoel Estevão Fernandes Bastos, outro intendente da cidade. Bastos, que foi intendente em três oportunidades (entre 1912 e 1934), era também escritor, autor da mais importante obra da literatura litorânea gaúcha, Noite de Reis, publicada em 1935 e reeditada em 2007. Um dos filhos de Fernandes Bastos, Osvaldo Bastos, eleito deputado pela UDN em 1946, morto em naufrágio na Lagoa da Pinguela, em 1947, era casado com Cecy Gründler, filha de outro intendente arriense, José Augusto Gründler. O sobrado, atualmente desabitado, pertence a Osvaldo Bastos Filho.



DIVULGAÇÃO



Fernandes Bastos e a biblioteca osoriense

(Artigo do Almanaque Gaúcho publicado em ZHBlogs de Zero hora em 31 de agosto de 2012 por Ricardo Chaves e Luis Bissigo com colaboração de Rodrigo Trespach)

O prédio açoriano onde atualmente se encontra a Biblioteca Pública Municipal de Osório – cujo nome homenageia o advogado, político e intelectual Manoel Estevão Fernandes Bastos – foi construído no final do século 19 e serviu como sede do Grupo Escolar Conceição do Arroio, do Colégio Elementare, depois da década de 1930, da Prefeitura Municipal e da Câmara de Vereadores da cidade. Os cerca de mil livros da Sociedade Amor à Arte, organizada em 1887, compunham a primeira Biblioteca não particular do município. Somente em 15 de março de 1943, o prefeito Juvenal José Pinto cria por decreto a primeira biblioteca pública municipal, que em 5 de julho do mesmo ano passa a denominar-se Fernandes Bastos. Até 1952, ela permaneceu no andar superior do prédio da então prefeitura, passando posteriormente por vários

locais até ser instalada em definitivo novamente no prédio que fora prefeitura. Hoje, no mesmo local, junto à biblioteca, funcionam ainda o Museu Antropológico Leonel Mantovanio e o Arquivo Público Municipal Antônio Stenzel Filho. A biblioteca, o arquivo e o museu passaram por reformas. Fernandes Bastos foi Intendente municipal em Osório, então Conceição do Arroio, em três oportunidades: 1912-1915, 1920-1924 e 1928-1934. Porto-alegrense, nascido em 3 de agosto de 1885, ficou órfão ainda menino. Iniciou sua formação educacional

no Seminário Menor de Pareci, em Montenegro, que deixou na adolescência. Intelectual, era fluente em alemão e francês e tinha aptidão para as artes cênicas, além de tocar Piano e violino. Antes de chegar a Osório, passou por Santo Antônio da Patrulha, Passinhos e Tramandaí. Foi autor do livro Noite de Reis (1935) e, na condição de Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, escreve inúmeros artigos sobre a história do Litoral Norte gaúcho. Faleceu em sua cidade natal, em 22 de setembro de 1938.



DIVULGAÇÃO



CULTURA

PAULO DE CAMPOS

paulodecampos@rima.art.br

O carnaval através dos tempos

Em 1997, escrevi a letra do Samba Enredo para a Escola União da Vila. Nela, está registrada a história do Carnaval. Meu parceiro foi Carlos Catuípe, que musicou brilhantemente os meus versos:

Carnaval, A festa que atravessa os séculos

Paulo de Campos e Carlos Catuípe

Alô você, “olha nós aqui de novo”
 Balança povo, que a União da Vila vem aí!
 Nem se sabe como tudo começou
 Se com os camponeses enfeitados
 Festejando aos deuses, a colheita
 Se com egípcios, por Isis, encantados
 Veio quase junto com as caravelas
 O “entrudo” do barulho e confusão
 Batalha de farinha, água e ovo
 Proibido, começou tudo de novo
 Mais brando em suas batalhas
 Água, flor, limão de cheiro
 Não poupava nem o mais ligeiro
 Até Pedro II teve as vestes encharcadas

Ontem, anarquista, mas contagiante
 Festa da “cultura inferior”
 Hoje, o sambista o trás na alma
 O povo vibra, é cultura popular
 “oi, abre alas pra Chiquinha, Carmem e Jamelão
 Pois, se é pecado sambar, a Deus peço perdão”
 “e viva Zé Pereira que a ninguém faz mal
 E viva a bebedeira nos dias de carnaval”
 No primeiro “curso oficial”
 Momo, banda e patrulha de cavalaria
 Surgem os bailes de salão
 Valsas, polcas, xotis e quadrilhas
 Atrevido, o mulato “Maxixe”
 Aos requebros e umbigadas, já se viu?
 Misturou a polca e o lundu
 E criou uma batida bem Brasil

Origem do Carnaval

A origem do Carnaval é desconhecida. Há os que atribuem a origem aos cultos agrários realizados pelos povos primitivos há dez mil anos antes de Cristo. Quando esses povos celebravam as boas colheitas. Outros atribuem às festas em homenagem à deusa Ísis e ao Boi Ápis, no Egito antigo, ou ainda na Grécia e Roma antigas. Na Grécia, o Carnaval foi oficializado, no século VII a.C., nas festas de culto a Dionísio, deus do vinho e dos prazeres da carne, em agradecimento aos deuses pela fertilidade do solo e pela produção. Essas festas incluíam orgias sexuais e bebidas. Na Roma antiga, as festas eram em honra ao deus, Saturno (as sartunálias), deus da agricultura e ao deus Baco (bacanais ou dionisíacas), chamado de Dionísio pelos gregos. No século IV, com o advento do cristianismo, a Igreja tentou combater várias tradições pagãs, mas com o tempo foi forçada a consentir com essas práticas e, em 590, o Papa Gregório I, oficializou o Carnaval no calendário eclesial. Em 1545, durante o Concílio de Trento, o Carnaval passou a ser reconhecido como uma festa popular. Embora não haja certeza quanto à origem da palavra “Carnaval”, sabe-se que surgiu entre os séculos XI e XII, e deriva do latim carnelevamen (tirar a carne), depois modificada para carne vale (adeus carne).

Está ligada à tradição cristã, de não comer carne no período que precede a Quaresma (Paixão de Cristo). Nesse período todos os cristãos deveriam abster-se de carne por quarenta dias, da quarta-feira de cinza até as vésperas da páscoa, jejuar e fazer penitências. Portanto, o Carnaval significava a possibilidade de fugir desses rigores, festejando em liberdade.

Carnaval no Mundo

O Carnaval é festejado em várias partes do mundo, em datas que variam de acordo com as tradições nacionais e locais, e sofreu mudanças ao longo do tempo. Na Europa, os mais famosos são: o Carnaval da Itália, comemorado com bailes e desfiles de máscaras nas ruas, sendo o mais tradicional o Carnaval de Veneza. Na Inglaterra o Carnaval de Notting Hill é a maior festa de rua da Europa e disputa o posto de segundo Carnaval do mundo. Na América, temos o maior Carnaval do Caribe, em Portof Spain, Trinidad e Tobago que é uma mistura da festa tradicional dos colonizadores franceses com a cultura dos escravos africanos. Ritmos caribenhos, como o calipso, predominam. E o Carnaval de Nova Orleans, EUA, festeja-se o Carnaval principalmente de 6 de janeiro à terça-feira gorda (mardigras em francês, idioma dos primeiros colonizadores de Nova



Orleans, na Louisiana), com seus carros alegóricos e mulheres com seios expostos, é considerado o segundo maior Carnaval do mundo.

Carnaval no Brasil

O Carnaval brasileiro tem sua origem no entrudo português, que chegou ao Brasil no século XVII e se espalhou pelo país. O entrudo acontecia num período anterior à quaresma; uma brincadeira grosseira que consistia em lançar, água, farinha, pó de cal (que podia até cegar as pessoas atingidas), limões-de-cheiro (feitos ambos de cera), vinagre, vinho e outros líquidos sobre os outros foliões. No Brasil, o primeiro Carnaval surgiu em 1641, no Rio de Janeiro promovido pelo governador Salvador Correia de Sá e Benevides em homenagem ao rei Dom João IV, restaurador do trono português. Com o tempo o Carnaval brasileiro, foi incorporando elementos dos carnavais que aconteciam na Europa, personagens como a colombina, o pierrô e o Rei Momo e os bailes de máscaras. Em 1846, no Rio de Janeiro; surge a figura do Zé-Pereira, um sapateiro português, chamado José Nogueira de Azevedo Paredes, que introduziu o hábito de animar a folia ao som de zabumbas e tambores, em passeatas pelas ruas, como se fazia em sua terra. Mais tarde foram introduzidos o pandeiro, o tamborim,

o reco-reco, a cuíca, o triângulo e as frigideiras. No final do século XIX, surgem os primeiros blocos carnavalescos, cordões e os corsos, que se tornaram bem populares no começo do século XX. Nos corsos, os foliões fantasiados, desfilavam pelas ruas das cidades em seus carros decorados, promoviam batalhas de confete e serpentina e lança-perfumes, e as mulheres dançavam sobre os automóveis conversíveis da época. Os corsos deram origem aos carros alegóricos. No século XX, o Carnaval foi ganhando importância e se tornando mais animado com as marchinhas de Carnaval. A primeira música composta especialmente para o Carnaval foi a marcha rancho Ó Abre Alas de Chiquinha Gonzaga em 1899. As escolas de samba nasceram das rodas de samba das camadas pobres do Rio de Janeiro, formados em sua maioria por negros entre as décadas de 1920 e 1930. A primeira escola de samba surgiu no Rio de Janeiro e chamava-se Deixa Falar. Foi criada em 1928, pelo sambista carioca Ismael Silva. Anos mais tarde a Deixa Falar transformou-se na escola de samba Estácio de Sá. Novas escolas de samba surgiram no Rio de Janeiro e em São Paulo. Organizadas em Ligas de Escolas de Samba, começam os primeiros campeonatos para escolher as melhores. Em 1932, o jornal Mundo Esportivo, promoveu

o primeiro concurso de escolas de samba, que desfilaram na famosa Praça Onze. A partir da década de 1960 os desfiles das escolas de samba tornaram-se o centro das atenções do Carnaval brasileiro, o samba e a marcha, foram trocados pelo samba-enredo. O Carnaval pernambucano, especialmente em Olinda e Recife, é um dos mais animados carnavais de rua do país. Ao som do frevo, do maracatu, as agremiações de caboclinhos, e os clubes de frevo arrastam multidões. Os desfiles de bonecos gigantes, em Recife, são uma das principais atrações assim como o bloco carnavalesco Galo da Madrugada. Em Salvador. Ao som do trio elétrico com cantores famosos, surgidos na década de 1970, arrastam multidões de foliões. Destacam-se também os blocos afros como o Olodum e o Ileyaê, além dos blocos de rua e do Afroxé Filhos de Gandhi. Na Bahia, é comemorado também na quinta-feira da terceira semana da Quaresma, mudando de nome para Micareta. Esta festa deu origem a várias outras em estados do Nordeste, o chamado “Carnaval fora de época” como o Fortal, em Fortaleza; o Carnatal em Natal; a Micarora em João Pessoa; o Recifolia, em Recife; o Micaru, em Caruaru e outros mais. Comemorado de diversas maneiras em todo o Brasil, o Carnaval representa importante atração turística. (Fonte Historiamais).



CULTURA

PAULO DE CAMPOS

paulodecampos@rima.art.br

O festival Salina da Canção começa amanhã no Túnel Verde

A II Salina da Canção do Balneário Pinhal estará apresentando as 12 concorrentes amanhã e sábado, dias 27 e 28 de fevereiro, no Parque do Túnel Verde. O festival é dividido em três linhas: Tema Balneário Pinhal - Canto de Mel e Sal Letra de Thiago Suman, Guilherme Suman e Rodrigo Monteiro de Porto Alegre e Pelotas; Na Paisagem do Pinhal de Érlon Péricles de Porto Alegre.

O Tema Litorâneo tem Feitiço da Lua de Anderson Rolin e Jociel Lima, representando Cidreira RS e Florianópolis/SC com Flávio Jr; Fraco das Ideias de Tulio Souza e Piero Ereno de Uruguaiana e Santa Maria; Flor Negra de Thiago Suman, Guilherme Suman e Germano Reis de Porto Alegre; Tambores de Ivan Therra de Cidreira; Tambores do Litoral de Mario Amaral e Carlos Catuípe com Catuípe Júnior representando Capão da Canoa. Já, no Tema Campeiro concorrem - As

Águas do Rio Angá de Gujo Teixeira e Cristiano Quevedo representando Lavras do Sul e Piratini; À Toa de João Stimamilio Santos e André Gonçalves de Porto Alegre com Jader Leal e Leonardo Medeiros; Completude com Flávio Hanssen e No Campo das Mão com letras de Rodrigo Duarte e músicas de Mateus Neves da Fontoura das cidades de Cachoeira do Sul e Porto Alegre; Viva o Litoral Gaúcho de Nenito Sarturida cidade de Santiago.

O festival Salina já nasceu grande, tanto pela qualidade de suas músicas como pela ótima organização e participação de público e classe artística. Já está agora em sua segunda edição com o CD já gravado e disponível para o público no momento do evento. A Prefeitura do Balneário Pinhal criou um evento para se destacar muito em breve como um dos principais do estado no gênero.



DIVULGAÇÃO

Projeto Verão Divertido do Balneário Pinhal encerra com show do Cordas&Rimas

Depois muitas promoções e shows como os de Elton Saldanha, Luiz Marengo, Produto Nacional, Wilson Paim, Danadões e Chimarruts, o Projeto Verão Divertido do Balneário Pinhal está encerrando neste final de semana com o show do Grupo Cordas&Rimas na Praia de Magistério.

Neste sábado, dia 28, a partir das 23h, no palco central, Cattulo de Campos (violão e voz) e a cantora Brenda Netto acompanhados por Patrick Hertzog no teclado, Yuri Corrêa na guitarra, Tchago Camini na bateria e Vinícius Lessa no contrabaixo, mostram um repertório com obras do CD, que será lançado em breve, e clássicos do pop rock e MPB: O que é Música? do Cattulo, Cristian Sperandir e Rodrigo Prates, Pose e Terra de gigantes de Humberto

Gessinger, Paz e Novidade de Zé Caradípia, Capaz de Kleiton e Kledir Ramil, Morena Praieira de André Sallazar e ainda À Volta e Filho de boto de Ivan Terra e dos irmãos pinhalenses Daniel Maiba e Marcelo Maresia, Azul da cor do mar de Tim Maia, Ovelha Negra de Rita Lee e Luis Sérgio Carlini, Ando meio desligado de Rita Lee, Sérgio Dias e Arnaldo Baptista e Romaria de Renato Teixeira que será uma das canções interpretadas pela cantora convidada Sofhia Raupp.

O Projeto Verão Divertido da Secretaria de Turismo e Lazer do Balneário Pinhal - que tem como titular Mari Luce Padilha dos Santos - encerra deixando um saldo positivo junto à população e aos turistas que já esperam a sua reedição no próximo veraneio.



DIVULGAÇÃO